

UMA LEITURA DE *NOME DE GUERRA*, DE ALMADA-NEGREIROS. Rodrigo Leme de Almeida. Renata Soares Junqueira, Guacira Marcondes Machado – Humanas – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – *Campus* de Araraquara.

Este projeto pretende iniciar o aluno no estudo da ficção narrativa do modernista português José de Almada-Negreiros (1893-1970), nomeadamente na leitura crítica do único romance do escritor: **Nome de guerra**, escrito em 1925 e publicado em 1938. Trata-se de investigar, nesta obra, a problemática da *identidade em construção*, como tema principal do romance, mas também como estratégia norteadora das próprias estruturas formais do texto almadiano, que também se revela, ele próprio, um texto fragmentário, *em construção*, no qual se articulam elementos aparentemente díspares, provenientes inclusive de outros textos – literários e pictóricos – do próprio Almada.

Nome de guerra é o único romance modernista português de que se tem notícia. É a história de Luis Antunes, interiorano de 30 e poucos anos enviado pela família à capital lisboeta para um período de aprendizagem. Guiado por D. Jorge, um amigo de seu tio, Luis conhece a vida noturna - e, com especial atenção, uma cabaretinista de 19 anos chamada Judite, a cujo nome de guerra faz menção o título do livro.

Assistimos a três nascimentos de Antunes. O livro abre ainda com a personagem envolta na sua primeira vida: Antunes carrega uma bagagem íntima de experiência, vivência da qual o protagonista nunca conseguirá se livrar. A antiga namoradinha, Maria, e os pais de Antunes mesmo, aparecem apenas por meio de cartas. O narrador destaca o cicerone de Antunes, D. Jorge, um experimentado amigo de seu tio, que tem a missão de “estrear” o herói. Judite é a mola propulsora deste movimento: é ela quem fará Antunes arriscar-se, viver, pois. Depois que Antunes conhece Judite (numa *boate de nûit* que lembra a da primeira cena de *Deseja-se mulher*), e que este encontro se revela malfadado, D. Jorge desiste de estreitar Antunes. O rapaz é estranhamente levado por algo a permanecer na cidade, e muda-se para um hotel. Lá, Luís Antunes parte para o seu segundo nascimento (e é esta nova vida de que se encarrega de contar boa parte do livro; a primeira e terceira ficam subentendidas, longe de passarem despercebidas, no entanto).

Antunes ficou na cidade por algo na sua cabeça. Uma idéia desconhecida que o encontrou e não largou mais dele fez o rapaz tomar esta decisão. Esta idéia acaba levando-o a retornar ao clube. Antunes volta ainda algumas vezes, mas nunca encontra a

rapariga que vai na sua cabeça, até que um dia, por mero acaso, encontram-se na rua, no ir e voltar da coletividade. Depois de um primeiro (re-)encontro tumultuado, Antunes acaba, no final da noite, na única porta aberta para ele: a do clube. Nada de diferente no clube, apenas o fato de que Judite não está lá. Persistindo na porta até o final da noite, para a sorte de Luís, Judite aparece. Depois de uma conversa rápida, os dois partem para aproveitar o resto da noite (na verdade, o começo da manhã). O destino é a casa de Judite. E de lá, Antunes demorará a sair. Segue-se um período de convivência entre os dois (curta, mas feliz), no quarto da rapariga.

A convivência entre os dois é o que lhes basta, até certo ponto. Quando começa a faltar dinheiro é que os problemas voltam a aparecer: Antunes não trabalha, e vive apenas com um modesto ordenado cujo valor nunca é revelado ao leitor, e que mais parece uma mesada do que um salário; este mesmo (pouco) dinheiro é o que garante a Judite sua atividade perdulária. Ela, por outro lado, tinha um trabalho, mas vive tentando fugir deste procurando unicamente paz. Ela tumultuosamente procura “a paz, sem descansar”. E gasta, com besteiras, o dinheiro dos pais de Antunes.

Neste momento é que começam a aflorar os verdadeiros intuitos de *Nome de guerra*. Numa prosa desenvolta, o autor revela que a educação e a realidade estão em conflito: o que o narrador define como “nascimento” é a maneira como Luís Antunes entende sua educação. Cada “nascimento” é uma nova maneira de adaptar-se ao ambiente. O grande problema (para o protagonista) é que ele nunca sabe o que deve ficar e o que deve ser jogado fora, dentro de cada “nascimento”. Algo involuntário, como revela o narrador, numa ficção-reflexão que revela que nada é jogado fora (muito menos desperdiçado). O autor dá especial valor à individualidade de cada um nas suas relações com os outros, numa quase prosa doutrinária, com longos discursos reflexivos, onde conta episódios independentes que aparecem como lições de vida por meio de longas digressões que abrem, cruzam e fecham o texto. Almada nunca cai na ilusão naturalista, buscando o distanciamento entre a obra e o leitor. A reflexão moral, do protagonista em especial, permite saber quais são os valores, os meios, os fins, o real e o possível que importam ao autor. *A priori*, uma jornada de aprendizagem. A rigor, o processo tange o auto-conhecimento. Tange, cingindo sem tocar.

Antunes logo começa a tomar consciência que Judite é uma “aproveita-tudo o que lhe passa à mão”. Ela e ele são mesmo “dois opostos” que se influenciam

mutuamente, “de modo que cada um ganhava o feitio do outro e enfraquecia no próprio”. Mas Antunes, como ressalta Judite, estava apenas “saindo da casca”. Uma das últimas seqüências do livro, do capítulo XXXIV ao XLVI, é a tomada de consciência de Antunes, seguida pela tomada de atitude. Num jantar na *boate* onde trabalha Judite, é que Antunes fará as contas do que ganhou e perdeu ao longo desta nova vida (a segunda). Neste jantar, não se sente à vontade como parte da coletividade (e volta a sentir-se invisível aos outros, mesmo não sendo). Tira um maço de cartas da algibeira, e lê, uma a uma, as notícias da sua província. Depois de horas decide voltar ao hotel. Lá, recebe mais um maço de dinheiro, uma nova carta e um telegrama. É quando Antunes descobre que “morreu a Maria”, assim, em poucas palavras

Quando o Antunes leu “morreu a Maria”, ele viu mais outras palavras que lá não estavam. Ele leu na sua vida mais do que diziam as cartas e o telegrama. Na sua vida estava escrito assim: “morreu a Maria, acabou-se a Judite”.

Antunes está pronto para a sua nova vida, a terceira. Ele deixa a Judite, e parte para alugar a sua independência. Em momento algum pensa em voltar para a casa dos pais. Ao contrário: isola-se em um quartinho, apenas para pensar e repensar sua vida inteira até este ponto. Depois de muito filosofar (acerca do destino, da humanidade e, sobretudo, acerca do termo *experiência*) ele toma o partido das estrelas. Não definha, apenas morre.

O material consiste, principalmente, no texto ficcional de Almada-Negreiros – o romance **Nome de guerra** – e, como fontes subsidiárias, noutros textos de apoio teórico, histórico e crítico que constam na Bibliografia deste projeto. Trata-se de identificar no romance almadiano a problemática da *identidade em construção*, não apenas como tema privilegiado, mas também como estratégia norteadora das estruturas formais que se articulam no texto.

Referências bibliográficas

ALMADA-NEGREIROS, José Sobral de. **Obras completas**: teatro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993. v. 7. (Biblioteca de Autores Portugueses).

COLOMBINI, Duílio. **Arte e vida no teatro de Almada-Negreiros**. Editora da USP, 1976.

FRANÇA, José-Augusto. Almada Negreiros, letras e artes. In: ALMADA-NEGREIROS, José Sobral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 17-50.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978. (Problemas Atuais e suas Fontes, 3).

GUIMARÃES, Fernando. **Simbolismo, modernismo e vanguardas**. Porto: Lello & Irmão, 1992. 269p.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 1032p. (Paidéia).

LOPES, Óscar. **Entre Fialho e Nemésio**: estudos de literatura portuguesa contemporânea. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 2. (Temas portugueses).

MOURÃO-FERREIRA, David. **Hospital das Letras**. Lisboa: Guimarães editora, 1966.

OLIVEIRA, Fernando M. **O destino da *mimesis* e a voz do palco: o teatro português moderno**. Coimbra, 1996.

ORPHEU 3. Edição preparada por Arnaldo Saraiva. Lisboa: Ática, 1984.

REIS, Maria Antónia. As ficções de Almada. In: ALMADA-NEGREIROS, José Sobral de. **Obras completas**: teatro. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993. v. 4, p. 9-18.

SANTANA LOPES, Pedro. Apresentação. In: ALMADA-NEGREIROS, José Sobral de. **Manifesto anti-Dantas**. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. “não pag.”

SAPEGA, Ellen W. **Um estudo da obra em prosa de José de Almada-Negreiros, 1915 - 1925**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.